UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DA COOPERATIVA AGRÁRIA AGROINDUSTRIAL (PR)

Marisa Kaminski

Jornalista (UEPG/PR) e especialista em Comunicação (Universidade Tuiuti/PR). Atualmente cursa Mestrado em Geografia, (UNICENTRO/PR) /Bolsista do Cnpq/Capes.
marisakaminski@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo aborda as estratégias da Cooperativa Agrária Agroindustrial, instalada no distrito de Entre Rios, município de Guarapuava, na mesorregião Centro-Sul do Paraná. Na cooperativa fundada em 1951 por suábios do Danúbio (povos de cultura alemã), a principal estratégia na busca pela competitividade no mercado nacional e internacional, é o foco na produção de cereais como milho e soja, trigo e cevada. A diversificação da produção não está entre os direcionamentos da Cooperativa Agrária, ao contrário do que ocorre em outras cooperativas fundadas por imigrantes no estado, e se apresenta como um ponto de conflitualidade entre os associados. As estratégias da Cooperativa Agrária estão no bojo das formas de organização, apropriação e dominação do espaço conformando territorialidades, em um processo de dimensões sociais e econômicas que afeta a sociedade. O recorte metodológico foi pensado por uma perspectiva econômica, mediante revisão de literatura, e pela construção empírica a partir de um estudo qualitativo realizado com o registro de diálogos e entrevistas abertas e semi-estruturadas com dirigentes da cooperativa, cooperados, e outros agentes desse espaço.
Palavras-chave: Cooperativas. Imigrantes. Estratégias. Territorialidade. Geografia.

A STUDY ABOUT STRATEGY OF AGRICULTURAL COOPERATIVE AGROINDUSTRIAL (PR)

ABSTRACT: This article discusses the strategies of the Agroindustrial Cooperative Agraria, installed in the district of Entre Rios, Guarapuava, in south-central region of Paraná. The cooperative was founded in 1951 by the Danube Swabians (people of German culture), the main strategy in the search for competitiveness is domestic and international markets, the focus is on production of cereals such as corn and soybeans, wheat and barley. The diversification of production is not among the directions of the Cooperative Agricultural, contrary to what occurs in

other cooperatives founded by immigrants in the state, and presents itself as a point of conflict between the associates. Strategies of Agrarian Cooperative are in the midst of organizational forms, ownership and domination of space conforming territories, in a process of social and economic dimensions that affects society. The methodological approach was designed by an economic perspective through literature review and empirical construction from a qualitative study with the recording of conversations and interviews open and semi-structured interviews with leaders of the cooperative and others agents of this space.
Keywords: Cooperatives. Immigrants. Strategies. Territoriality. Geography.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia, nível Mestrado em Geografia, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Em síntese, aborda as territorialidades das cooperativas formadas por imigrantes no Paraná, destacando as estratégias da Cooperativa Agrária Agroindustrial, instalada em 1951, em Entre Rios, distrito de Guarapuava, na mesorregião Centro-Sul do Paraná. A cooperativa foi fundada por suábios do Danúbio, povo de cultura germânica[1].

As cooperativas agropecuárias do Paraná deram grande contribuição na mudança da visão reinante até os anos de 1950, de uma "agricultura entravante ao desenvolvimento industrial" (ANDRADE, 1979, p. 31). O setor agrícola é hoje o mais importante das "economias emergentes" (BECKER, 2010, p. 93), como o Brasil. A autora assinala que o país se integrou aos novos ditames mundiais por meio de estratégia político-econômica de incentivo à produção agropecuária, e as exportações fizeram o país "ganhar destaque nas últimas três décadas e se consolida entre os maiores produtores e exportadores de carnes e grãos, ao lado dos EUA e da Argentina" (BECKER, p. 2010, p. 95).

Inseridas no contexto das grandes empresas agroalimentares brasileiras, as cooperativas agropecuárias e agroindustriais do Paraná fundadas por imigrantes, chegaram ao século XXI marcadas pelo processo de modernização das técnicas de produção.

[1] Embora a língua oficial alemã seja disciplina obrigatória no Colégio Imperatriz Dona Leopoldina, unidade pertencente à Cooperativa Agrária, os suábios do Danúbio falam *o schwowich*, um dialeto. Há que se registrar que os suábios descendem de alemães, iugoslavos (a maioria) e de alguns austríacos e romenos.

Ainda que mantenham os princípios elementares do cooperativismo, tais cooperativas apoiadas por políticas de fomento à exportação e transformação industrial de produtos como a soja, o trigo e a cana-de-açúcar, adotam estratégias visando inserção e competitividade no mercado nacional e internacional.

Desde sua fundação, a Cooperativa Agrária Agroindustrial concentra-se na produção, industrialização e comercialização de *commoditi*es agrícolas como milho, soja, trigo e cevada, que ocupam grandes áreas mecanizadas. A partir desse direcionamento, a cooperativa fortaleceu a classe dos grandes, mas principalmente, dos médios produtores associados (a maioria) que juntos compõem perto de 70 % dos quase 550 cooperados[2].

Nesse sentido, entendendo a territorialidade como expressão manifesta das relações de poder conformando território (s), conceito e seu derivado que balizam a pesquisa, percebemos que a Cooperativa Agrária apresenta algumas estratégias diferenciadas de outras cooperativas fundadas por imigrantes.

Uma delas se refere ao fato de não haver diversificação da produção na Cooperativa Agrária, focada nos cereais, ao contrário do que ocorre em outras cooperativas de origem étnica, que por apoiarem a diversidade de culturas e produtos numa mesma propriedade conseguem viabilizar a pequena propriedade, em número superior às grandes e médias.

Em nossas investigações sobre a questão observamos que a estratégia da Cooperativa Agrária em produzir grãos é um ponto de conflito, pois há cooperados que manifestam crescente preocupação com a necessidade de diversificar horizontal e verticalmente as atividades.

Compreendemos que as cooperativas de imigração têm aspectos peculiares culturais e organizacionais compondo o quadro ideológico dessa forma de associativismo, mas como empresas buscam eficiência e competitividade das lavouras e/ou da atividade agropecuária, no que é preciso refletir sobre os reflexos desses direcionamentos.

O agronegócio é cercado por paradoxos. O investimento em monoculturas agrícolas mais rentáveis para grandes mercados, interno e externo, exige grandes áreas, mecanização e

[2] Os dados foram obtidos durante entrevista com o diretor-presidente da Cooperativa Agrária Agroindustrial, Jorge Karl, no dia 16 de junho de 2011, na sede da cooperativa. Karl não fala em números exatos, mas diz que *"os 30% são formados por pequenos produtores"*. O tamanho e a classificação das propriedades rurais no Brasil ainda se orientam pelo Estatuto da Terra (Lei 4.504), de 30 de novembro de 1964, cujos parâmetros são os Módulos Rurais ou aqueles explorados racionalmente pelo agricultor e sua família (subsistência), e Módulos Fiscais que são as unidades de medida usadas para ditar a dimensão das terras. Na verdade, não existe uma dimensão única, podendo ela ser fixada pelo tipo de exploração e de acordo com cada região.

muita (bio) tecnologia. Por outro lado, é baixo o valor agregado do país, isto é, a soma de todas as remunerações dos fatores de produção pagos às famílias pelas empresas.

Outros fatores também pesam nessa conta econômica e social do *agribusiness* tais como dependências de sistemas econômicos atrelados ao mercado global; distinção de incentivos governamentais entre as grandes empresas e cooperativas e agricultores familiares; comprometimento das relações de trabalho; concentração fundiária e aumento da pobreza no campo, entre outras situações que precisam estar sempre na pauta das discussões da sociedade. A geografia, como ciência que também estuda as relações sociais operando sobre o espaço e o território, possui elementos fundamentais para análise e compreensão desses fenômenos.

COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS DE IMIGRANTES NO PARANÁ: um breve histórico da Cooperativa Agrária

Segundo Pinho (2004), o movimento cooperativista nasceu urbano, na Europa do século XIX, em Rochdale, periferia de Manchester, Inglaterra, em meio a uma crise econômica e social, a Revolução Industrial. De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) no ano de 2011, esse movimento elaborou os princípios universais que regem as cooperativas tais como a adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação, formação e informação, intercooperação e interesse pela comunidade, sempre priorizando aspectos humanos.

A primeira cooperativa formal de que se tem notícia foi a Fundação da Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, em 1889 (PINHO, 2004). Só no século XX, a partir da década de 1930, o Estado assumiu o modelo agrícola e o cooperativismo. Essa interferência política gerou uma crise e a criação de uma entidade de caráter privado, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), na década de 1970, foi vista como solução para o conflito.

Os imigrantes que vieram para o Brasil em um grande movimento migratório entre o final do século XIX e meados do século XX, foram responsáveis por introduzir o cooperativismo em colônias agrícolas.

As cooperativas agropecuárias no Paraná têm raízes nas comunidades de imigrantes, principalmente italianos, holandeses e alemães[3], que procuraram organizar estruturas comuns para compra e venda de sua produção, além de suprirem suas necessidades de consumo e crédito.

De modo geral, a maioria dessas cooperativas apresenta peculiaridades organizacionais envolvendo a coesão cultural do grupo na relação com o trabalho, na sobrevivência da pequena propriedade, na diversificação das atividades produtivas e na questão da identidade étnica, materializada principalmente na preservação da língua.

Dentre tais cooperativas no Paraná estão as de origem holandesa como a Batavo Cooperativa Agroindustrial[4] criada em 1925, na cidade de Carambeí, a Cooperativa Agropecuária Castrolanda[5] em 1951 no município de Castro, e a Capal Cooperativa Agroindustrial[6], 1960, em Arapoti. A Witmarsun Cooperativa[7] foi criada por menonitas (russos-alemães) em 1952, no município de Palmeira.

Na mesorregião Centro-Sul do Estado (Fig. 1), estão a Cooperativa Agrícola Mista de Prudentópolis (CAMP) [8], fundada em 1977, composta por centenas de descendentes de ucranianos, e a Cooperativa Agrária Agroindustrial, fundada pelos *Donauschwaben (*suábios do Danúbio em português)

[3] É preciso registrar também a presença de japoneses na constituição de cooperativas paranaenses.
[4] Leia mais em www.batavo.coop.br/site.
[5] Visite o site www.castrolanda.coop.br
[6] Confira em www.capal.coop.br
[7] Acesse www.witmarsun.coop.br
[8] Outras informações em www.camp.coop.br.

Figura 1

Figura 1- Mapa de localização do distrito de Entre Rios, sede da Cooperativa Agrária Agroindustrial

Fonte: IPARDES, 2010. (disponível em http://www.ipardes.gov.br/)
Adaptado por MUZZOLON, Anderson (2011)

Desde os anos de 1930, época da campanha de "modernização do país, já iniciada sob o regime de Getúlio Vargas" (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 44), a política imigratória no Paraná apresenta algumas diferenças em relação à praticada no restante do país. Nas palavras de Balhana (1996, p.46), os governantes paranaenses não pretendiam suprir a carência de mão-de-obra deixada pelos escravos, mas sim, criar "uma agricultura de abastecimento".

Conforme Marcondes (2010), na época a intenção do governo de Moysés Lupion entre os anos de 1947/1951, e 1956/1961, era expandir a produção de trigo oferecendo apoios financeiros, máquinas, implementos e terra barata.

Foi assim, com apoio político e interesse econômico que o cooperativismo agropecuário cresceu, e se tornou o mais importante entre os segmentos cooperativistas do estado. Pelas informações da Assessoria de Imprensa da OCEPAR (2012), as cooperativas agropecuárias representam 80% do total das 240 cooperativas paranaenses, respondendo por 54% da economia agrícola do Estado, obtendo um faturamento de aproximadamente R$ 21 bilhões.

Nesse cenário marcado por grandes transformações mundiais, políticas, econômicas e sociais, as cooperativas agropecuárias brasileiras chegaram ao século XXI conduzidas pela

chamada modernização da agricultura no final da década de 1970, apoiada por políticas incentivo à exportação que alavancaram a industrialização no campo.

No Paraná, esse processo ocorreu no início dos anos de 1980 (PADIS, 1981). É sempre oportuno lembrar o que Santos e Silveira (2008, p. 120) observaram sobre a tão discutida modernização da agricultura, na qual a produção de culturas alimentares básicas e de tradição nacional, entre elas o arroz, vem sendo desvalorizadas "pelo crédito público, pela propaganda e pelos novos consumos na sociedade contemporânea". Em suas considerações, Graziano da Silva, (1982, p.30) afirma que a modernização das técnicas de produção no campo "não atingiram as pequenas propriedades responsáveis por gêneros alimentícios de primeira necessidade".

Observados apenas os aspectos técnicos, a modernização da agricultura delineia um novo modelo econômico no país, baseado no pacote tecnológico originado da Revolução Verde e na formação de um novo sistema, o *agribusiness*, no bojo do padrão agrícola que é o Complexo Agroindustrial (CAI).

Também chamado de "sistema agroindustrial" (SIFERT FILHO; FAVERET FILHO, 1998, p. 266), o CAI tem raízes ainda no século XIX, sendo consolidado na década de 1980. O CAI pode ser definido como "conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais" (MÜLLER, 1989, p. 45). As cooperativas são grandes responsáveis pela implantação desse sistema (FAJARDO, 2008).

Diante dessa nova configuração, as cooperativas mudaram também as práticas empresariais, que para alguns autores, entram em choque com a conotação social do cooperativismo:

> (...) a questão da objetividade e da subjetividade numa organização cooperativa de agricultores, por exemplo, se coloca na medida em que a entidade cooperativa apresenta uma dupla natureza, de um lado ela é uma empresa e como tal é uma estrutura administrativa cuja própria sobrevivência econômica depende de uma busca constante de eficiência e de eficácia na sua inserção no mercado, de ser também eficiente e eficaz nas relações intercooperativas, bem como na construção de redes de negócios cooperativos. Por outro lado, entretanto, trata-se de uma empresa cuja conotação social não pode ser uma mera referência retórica sob pena de um esvaziamento do próprio termo cooperativismo. (RIOS, 2006, p.4).

Bialoskorski (2002) observa que o cooperativismo brasileiro tem orientação clássica voltada a atender prioritariamente os interesses de seu quadro social através da prestação de

serviços, mas é uma empresa inserida em um ambiente econômico e deve investir em estratégias empresariais para ser competitiva.

Nesse contexto, o conceito de território e suas derivações devem ser compreendidos e evidenciados no sentido de direcionarem a compreensão das formas de organização espacial efetivadas a partir da iniciativa de uma associação cooperativa marcada pela imigração européia no Brasil.

Podemos dizer que o processo de territorialização das cooperativas foi a construção e a produção de um espaço apropriado "por relações econômicas, nas quais as relações de poder inerentes às relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle dos espaços econômico, político e cultural" (SAQUET,2002,p.17-18). A Cooperativa Agrária Agroindustrial se territorializou no distrito de Entre Rios, se apropriando desse espaço e extraindo de seus recursos os meios para produzir. Com isso, alterou o uso e a posse da terra, construindo seu território permeado por relações de poder por um processo dialético que transforma a ordem da vida em sociedade.

Para Saquet (2004, p.127), entre as dimensões econômicas, políticas e culturais indissociáveis na análise sobre o território, é preciso "explorar um pouco mais a dimensão econômica e o processo de territorialização":

> Nessa articulação, a questão econômica possui conexões internas e relaciona-se com os domínios político e cultural. (...) Não podemos negligenciar as desigualdades, intimamente ligadas à re-produção da dominação da classe hegemônica e aos territórios efetivados pelos agentes econômicos através de suas relações sociais no mercado a partir do (ou no) processo produtivo. Estes agentes substantivam redes de relações, dinâmicas econômicas, no e do território dominando produtores diretos, intermediários, a circulação e consumidores. (SAQUET, 2004, p. 127-128).

Assim, observando o processo de organização da Cooperativa Agrária sobre o espaço, seus processos produtivos, e suas relações com o mercado, abordamos as suas territorialidades as quais, nas palavras de Saquet (2004, p.140) representam "o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, na igreja, na família, na escola etc., resultado e condição do processo de produção de cada território, de cada lugar".

Nesse acontecer cotidiano nos debruçamos sobre a dimensão econômica dada ao território pela Cooperativa Agrária, hoje uma das maiores empresas agroindustriais do Sul do país[9]. Visando crescer econômica e financeiramente, a cooperativa inseriu em suas atividades produtivas novas técnicas, bem como modernas práticas de gestão visando obter vantagens competitivas.

Essas dinâmicas foram introduzidas por meio de algumas estratégias que se somaram na construção de suas territorialidades, também definidas por Saquet (2007) como uma forma de controle sobre certa área ou espaço, uma estratégia para influenciar ou controlar recursos, fenômenos, relações e pessoas.

A cooperativa foi fundada para que os *Donauschwaben*[10] viessem para o Brasil produzir e se reproduzir social e economicamente, com os incentivos de uma organização européia de ajuda aos refugiados de guerra (COOPERATIVA AGRÁRIA, 2011), no caso, a Segunda Guerra Mundial.

Com incentivo financeiro, linhas de financiamento facilitadas e o oferecimento de terra barata por parte das esferas federais, pública e privada, cerca de 500 famílias de suábios do Danúbio, mais de 2.500 pessoas, ocuparam o solo de Entre Rios. A ocupação aconteceu alguns meses após a criação da Cooperativa Agrária Central, primeiro nome da atual cooperativa, que também já se chamou "Cooperativa Agrária Mista Entre Rios Ltda" (GORA, 2010, p.70). Essa comunidade foi considerada na época como a maior colônia agrícola implantada em termos demográficos no Brasil (ELFES, 1971).

A cooperativa comprou 22 mil hectares no distrito, apropriando-se de um espaço antes ocupado por famílias de fazendeiros abastados que se dedicavam mais à atividade pecuária, cujas fazendas eram formadas por grandes extensões de terra, o "latifúndio pecuarista" nas palavras de Silva (2007, p. 73) cobertas por madeiras de lei.

Entretanto, ainda que os fazendeiros tivessem resistido em ceder áreas expropriadas pelo governo, e fossem submetidos às exigências dos dirigentes da cooperativa, como o chamado

[9] Revista Exame: "Maiores Empresas por Vendas em 2010", disponível em http://exame.abril.com.br/negocios/melhores-e-maiores/.Leia também OCB: Ranking das Melhores, encontrada em http://www.ocb.org.br/gerenciador/ba/arquivos/200710_rankingmelhoresmaiores2010.pdf.

[10]

"contrato de servidão de estrada" (MARTINS, 1992, p. 74) [11], esses proprietários receberam dinheiro pela venda das terras.

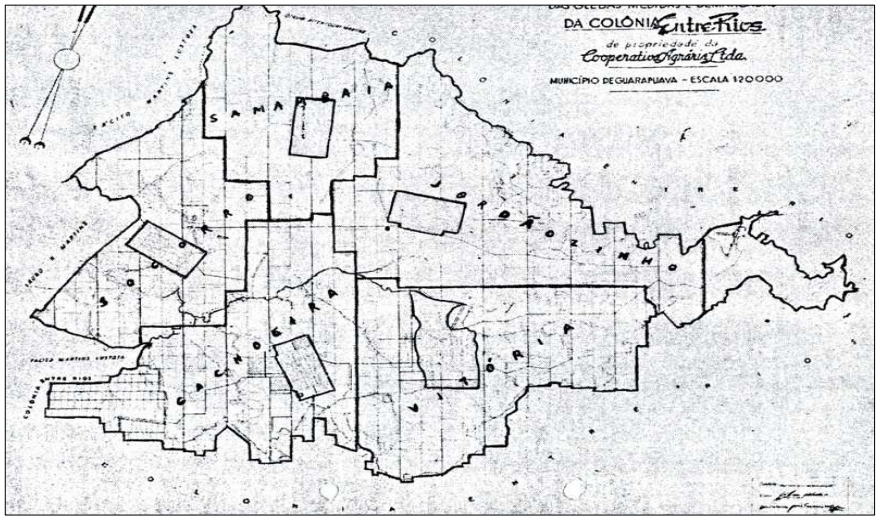

Figura 2- Mapa das Áreas das colônias de Entre Rios, Guarapuava- PR
Fonte: Museu Agrária, 1970.
Extraído de GORA, Anton (2010, p. 67).

Com o pagamento compraram outras fazendas no norte paranaense onde a agricultura experimentava franca expansão da produção de café. Não é possível afirmar a mesma situação com relação aos pequenos agricultores, posseiros e indígenas que praticavam a agricultura em pequenas roças basicamente de milho, feijão e mandioca, nas proximidades de Entre Rios:

> A fixação dos imigrantes, bem como as melhorias por eles introduzidas trouxeram, também, a absorção das médias e pequenas propriedades pelas grandes em função da substituição da agricultura tradicional e da pecuária, em parte, pela agricultura capitalista. (SILVA, 2007, p. 74).

O distrito de Entre Rios situa-se a aproximadamente 30 quilômetros ao sul da sede do município de Guarapuava. O distrito é dividido em cinco colônias (Fig. 2) denominadas

[11] Esse contrato, segundo Marcondes (2010) permitia a livre passagem dos cooperados pelas propriedades para extrair madeiras e escoar a produção.

Jordãozinho, Samambaia, Vitória (sede da cooperativa até os dias atuais), Cachoeira e Socorro, nomes das antigas fazendas ali existentes.

A localidade possui uma infraestrutura básica, ainda que deficiente em alguns serviços, de saneamento, sistema viário, de rede de energia e de comunicação, saúde, educação, segurança. Alguns serviços contam com o apoio ou parceria da cooperativa. O Hospital Semmelweis atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas recebe apoio financeiro através da Fundação Semmelweis, da Cooperativa.

Os aspectos da cultura suábia associados à arquitetura europeia das edificações atrai visitantes. Há muitas mansões que contrastam com as casas modestas e alguns casebres (Fig. 3 e 4) existentes nas chamadas de "vilas dos brasileiros" (SILVA, 2007, p. 98) onde residem muitos moradores de baixa renda.

Uma parte trabalha em alguma unidade industrial da Cooperativa Agrária, em serviços domésticos nas casas de cooperados, ou como peões nas fazendas. Porém, há uma parcela composta por desempregados que não encontram colocação nessas atividades, fruto, em grande parte, dos monocultivos que não geram mão-de-obra.

Figura 3- Casarões em Entre Rios atraem os olhares dos visitantes.
Fonte: GUERRA, Marcos (2011)

Figura 4- Alagamento em uma das vilas do distrito. Fonte: REDESUL DE NOTICIAS. (2012). Disponível em http://redesuldenoticias.com.br/noticia.aspx?id=42768

OS CAMINHOS DA PESQUISA SOBRE A COOPERATIVA AGRÁRIA

A pesquisa foi amparada em uma revisão bibliográfica constituída por autores da geografia, sustentáculos da busca por definições e respostas às inquietações, mas também de outras áreas como a economia, administração, história e sociologia, por considerarmos a importância da interdisciplinaridade na investigação das questões envolvidas pelas ciências humanas.

A partir das leituras procuramos empregar o conceito de território na compreensão da forma de organização espacial da Cooperativa Agrária, e nessa apropriação econômica, nesse acontecer do trabalho e da produção do território, as relações de poder conformando territorialidades.

Em seguida, sentimos a necessidade conhecer a realidade por meio de um trabalho de campo que inclui diálogos informais e entrevistas abertas e semi-estruturadas com diretores da cooperativa, cooperados e ex-cooperados. Dentro de uma análise qualitativa, os depoimentos foram fundamentais para compreendermos a dimensão das territorialidades da Cooperativa Agrária. Alguns entrevistados tiveram seus nomes verdadeiros substituídos, visando preservar sua identidade diante de temas mais polêmicos, bem como para que pudéssemos aprofundar os pontos de vista.

Dados do IBGE (BRASIL, 2006, 2010), pesquisa documental sobre a cooperativa, além de fotos constituem outras ferramentas importantes desse registro. A cartografia, com o auxílio de mapas fornecidos pela Cooperativa Agrária Agroindustrial, pelo Museu Histórico Agrária, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), entre outros, completam esse conjunto metodológico.

A COOPERATIVA AGRÁRIA NO CONTEXTO REGIONAL

A Cooperativa Agrária (Fig. 5) segue na mesma linha de outras cooperativas agropecuárias paranaenses com faturamento anual acima de R$ 1 bilhão, que mudaram sua razão social incorporando o termo agroindustrial.

Figura 5- A Agromalte é a principal indústria da Cooperativa Agrária.
Fonte: COOPERATIVA AGRÁRIA, 2012 (disponível em www.agraria.com.br)

Na Cooperativa Agrária essa alteração aconteceu em agosto de 2007. O faturamento bruto da cooperativa em 2010 girava na ordem de R$ 1.090. 567 bilhão, e no exercício posterior aumentou para 1.272.985 (AGRÁRIA, 2011).

Para Fajardo (2011), essa mudança de nome se acentuou a partir do ano de 2003, numa clara demonstração da importância que a industrialização da matéria-prima adquiriu nas cooperativas, pois, "quando as cooperativas começaram a trocar seu nome de 'cooperativa agrícola' ou 'cooperativa rural' para 'cooperativa agroindustrial', ficou evidente que o foco delas deixou de ser a atividade primária".

Em números, o Relatório Anual (AGRÁRIA, 2011) apresenta um quadro com de 549 associados e 963 funcionários[12]. No âmbito da produção, a Cooperativa Agrária Agroindustrial concentra-se em programas de fomento às culturas de cereais como milho e soja no verão, cultivados de outubro a março, e trigo e cevada cervejeira no inverno (de junho a novembro).

[12] Jorge Karl (2011) afirma que cooperativa gera, juntamente com os 963 funcionários diretos, cerca de seis mil empregos. É fato também que muitos desses empregos são temporários.

Na safra 2009/2010 a Agrária produziu mais de 630 mil toneladas desses cereais para o mercado interno. Muitas pesquisas com esses cultivares são desenvolvidas pela a Fundação de Pesquisa Agropecuária (FAPA).

A cooperativa agrega ainda indústrias Agromalte, maltaria que produz malte cervejeiro e vende para a Companhia de Bebidas das Américas (Ambev), Moinho de trigo, Fábrica de rações e de óleo de soja (óleo degomado), produto que ao lado do farelo de soja passou a ser exportado a partir de janeiro de 2012 (JORGE KARL, 2011).

A cevada é um dos eixos de sustentação da Cooperativa Agrária que produz mais de 30 toneladas por ano, e responde por aproximadamente 30% da produção nacional, sendo a maltaria uma das maiores de seu segmento no país (AGRÁRIA, 2010).

Ainda que o milho represente o maior volume de produtividade, com aproximadamente 386 mil toneladas em 2010, seguido pela soja com mais de 253 mil toneladas anuais, a cevada é o principal produto da Agrária por viver *"um momento favorável e por abarcar todo o ciclo desde a pesquisa até a comercialização final do malte"* (JORGE KARL, 2011). A produção de malte em 2010 foi de mais de 114.800 toneladas, com produção diária de 260 toneladas.

Como diria Haesbaert (2004, p. 338), ao tecer suas redes de relações sociais "construídas a partir de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos", construindo assim múltiplos territórios e territorialidades, a cooperativa ocupou uma área de 160 mil hectares abrangendo áreas em Guarapuava e municípios vizinhos na mesorregião Centro-Sul, Centro-Oeste e Central do estado.

Diante do perfil apresentado, a Cooperativa Agrária parece representar uma forma de associação combinada às dinâmicas da empresa capitalista que vem obtendo êxito econômico e financeiro. Ao se apropriar de um espaço e extrair dele os recursos para produzir e se reproduzir, a cooperativa modificou a paisagem rural do município de Guarapuava por processos de transformação da estrutura produtiva e fundiária.

Em estudos anteriores, Silva (2007) já sinalizava alta concentração de terras na região de Guarapuava, como ocorreu em quase todo Paraná e em outras áreas do Brasil desde os anos de 1960:

> No distrito de Entre Rios, essa concentração é ainda maior. Cinquenta e dois por cento de seus moradores proprietários são donos de propriedades com 200 ou mais hectares. Com propriedades abaixo de 50 hectares se encontram apenas 17% dos proprietários. Mas esse percentual não se refere somente as terras do

> município de Guarapuava, já que os mesmos possuem terras fora do município. (SILVA, 2007, p. 86)

Para o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), em 2003, a concentração fundiária está relacionada à estagnação dos indicadores sociais como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) [13]:

> (...) a contradição entre a exuberância produtiva e a iniquidade social, tem raiz, fundamentalmente, na estrutura fundiária concentrada, que foi agravada pelo processo de modernização, denominado 'modernização conservadora' justamente por não resolver, mas sim, reforçar as desigualdades na distribuição da terra. (IPARDES, 2003, p.11).

O IPARDES (2004, p.7) destaca também que a mesorregião Centro-Sul do Paraná possui um dos maiores volumes na composição da população rural do Estado e apresenta altas taxas de pobreza superior a 30% do total de famílias:

> Essa característica é reforçada também pelo elevado número de assentamentos rurais (34% das famílias assentadas no Paraná) e áreas indígenas (62%). (...) O Centro-Sul apresenta os indicadores sociais em condições comparativamente desfavoráveis. Todos os municípios registram IDH-M abaixo da média paranaense, desempenho que se repete quanto aos componentes do índice, sendo o da renda per capita o mais crítico. O ritmo de implantação das políticas públicas, na região, não foi suficiente para propiciar ampla cobertura dos serviços básicos de educação e saúde. Ademais, a grande dificuldade na geração de emprego e renda faz com que nenhum município tenha renda média superior à do Estado: sete dos dez municípios mais pobres do Paraná estão localizados nessa mesorregião, na qual 1/3 das famílias é pobre. (IPARDES, 2004, p. 26 e 27).

Esses são aspectos de um espaço geográfico no qual a Cooperativa Agrária Agroindustrial está inserida. Nesse sentido faz-se necessário refletir sobre as estratégicas

[13] De acordo com um levantamento do IPARDES (2011), com base no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD, IPEA, FJP, 2000), que mede condições sociais da população, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Guarapuava é de 0, 773, sendo considerado médio que varia entre 0,500 a 0,799. A média do IDH do estado é 0,787.

empresariais que adota no sistema de agronegócios, pois esses direcionamentos afetam toda a sociedade.

Importante se torna explicar, ainda que rapidamente, o que significa o termo estratégia no âmbito das organizações empresariais. Estratégia é o conjunto de ações competitivas comerciais executadas visando melhorar o desempenho da empresa, reforçando sua posição no mercado. Estratégia seria o que Michael Porter (1991) chama de mérito de uma empresa em se tornar diferente em meio à concorrência, obtendo vantagem competitiva, uma posição única em um conjunto diferente de atividades.

Entre as estratégias empregadas pela Cooperativa Agrária, a que chama a atenção é a opção pelo *core-business*[14] que é a produção de grãos. Esse direcionamento da cooperativa se põe na contramão do que vem sendo praticado em outras cooperativas agroindustriais, no momento em que se rediscute a necessidade de menor dependência dos mercados reguladores de preços das *commodities*. Alguns exemplos vêm da Cooperativa Agroindustrial Castrolanda que opera com a integração agricultura/pecuária, produzindo vários produtos agrícolas importantes para economia paranaense que não apenas a soja, mas também feijão, batata agregando valor ao produzir mini tubérculos e batata frita, leite e produtos lácteos, além de carnes bovina, suína e de cordeiro. (COOPERATIVA CASTROLANDA, 2012)[15].

Grosso modo, conforme define o Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHA) diversificar a produção rural é produzir vários produtos, como condição indispensável à sobrevivência e à competitividade dos territórios rurais na medida em que garante a biodiversidade, gerando renda através de novas oportunidades de negócio.

Segundo o IDRHA (BRASIL, 2006), o sistema de diversificação pode ser horizontal, quando a produção envolve maior número de culturas na propriedade e faz integração entre lavoura-pecuária, ou vertical se apenas um produto passa por etapas diferentes de produção, como na pecuária leiteira em que o fazendeiro pasteuriza, engarrafa, vende o leite, e ainda transforma esse produto em queijo ou doce de leite, por exemplo.

A Cooperativa Agrária industrializa os cereais cultivados: da cevada produz malte cervejeiro; do trigo fabrica farinhas de uso industrial e doméstico; o milho, soja e cevada entram

[14] Em resumo, o negócio principal de uma empresa, ou seu ponto forte e estratégico.
[15] Os dados são de domínio público.

na composição de rações para nutrição animal; e da soja produz farelo e óleo degomado (matéria-prima para fábricas óleo de soja doméstico, de margarinas, sabão e tintas. O Feijão, cultura que ganhou maior espaço na Agrária nos últimos anos, é produzido por 33 cooperados (AGRÁRIA, 2011).

A cooperativa desenvolveu um projeto de produção de flores no final da década de 1990, denominado Projeto Agraflores, extinto nos primeiros anos de 2000. O cultivo de hortaliças vem sendo realizado desde 2008, e assim como a produção de flores, é uma iniciativa independente de pequeno grupo de aproximadamente seis agricultores. Apenas um projeto de suinocultura é desenvolvido pela Agrária, mas em seis das 23 granjas que existiam em 2007 (AGRÁRIA, 2010, p. 40).

O diretor-presidente da Cooperativa Agrária argumenta que os projetos não fazem mais parte das estratégias da cooperativa porque são pouco rentáveis, produtos perecíveis que não são atrativos em um mercado pontual e, até certo ponto, informal. Jorge Karl (2011) revelou que em 2010, a Cooperativa Agrária criou o "*Projeto Sustentabilidade*", reunindo grupos de cooperados e colaboradores em torno de estudos de viabilidade de atividades como avicultura, condomínio de produção, fronteiras agrícolas, hortifruticultura, ovinocultura, bovinocultura de corte, prestação de serviços, suinocultura e transportes.

Esse projeto tem como preocupação a sucessão de gerações de cooperados, cujas famílias repartem as propriedades entre os filhos, e as áreas reduzidas, ficam sem a escala "apropriada para a produção das principais culturas da Agrária". (AGRÁRIA, 2010, p. 26).

Porém, segundo ele, o projeto ainda não frutificou porque muitas dessas alternativas são culturas de maior risco. "A Agrária prefere o *core business* que são as atividades mais importantes, pois achamos melhor nos concentrar sobre cereais do que ter várias alternativas e não sermos bons em nada" (JORGE KARL, 2011).

Para a diretoria da Cooperativa Agrária a produção de cereais faz parte da "*vocação dos suábios do Danúbio"* (JORGE KARL, 2011). Na opinião do diretor-presidente, não há interesse da maioria dos cooperados em experimentar novas culturas porque, a produção de grãos permite melhor controle dos custos, não exige grande volume de mão-de-obra e uso de máquinas próprias que é terceirizado. "*Todos esses fatores de produção é que conferem a eficiência da pequena*

propriedade, e a viabilidade do pequeno é tão possível quanto do grande: o que conta é a gestão do negócio". (JORGE KARL, 2011).

Sobre esse ponto não há um consenso, pois muitos cooperados discordam dessa afirmação. O cooperado Anton Gora (2011) [16], que já pertenceu à diretoria e conhece experiências de cooperativismo em mais de 40 países, teme que essa estratégia esteja provocando esvaziamento da proposta cooperativista da igualdade, e expressa uma preocupação quanto à falta de diversificação na Cooperativa Agrária.

Na opinião do entrevistado, ainda que estejam relativamente capitalizadas, dependendo das oscilações do mercado de *commodities* agrícolas, as "*pequenas*" propriedades poderão sofrer impactos econômicos negativos caso não tenham alternativas à produção de cereais:

> A soja é responsável por engessar a criatividade dos agronegociantes que não procuram alternativas de diversificação, como ocorre no mundo inteiro. No Brasil, Santa Catarina é um exemplo de diversificação, e no Paraná, basta visitar a região de Castro e também o Sudoeste do Paraná. Se uma atitude não for tomada nesse sentido, as pequenas propriedades tendem a desaparecer. (ANTON GORA, 2011).

De forma independente da Cooperativa Agrária, o cooperado decidiu experimentar alternativas à produção de cereais, e há três anos está cultivando hortaliças, atividade que tem demonstrado viabilidade econômica e financeira. O produtor planta cebola e beterraba entre as safras, e comercializa o maior volume dessa produção em grandes centros urbanos do sul e sudeste do país.

Diversificar também faz parte dos planos de Maria[17] (2012). Contudo, a cooperada não se sente segura para iniciar essa empreitada. *"A cooperativa tem promovido reuniões onde lança as idéias de produção de hortaliças e aves, por exemplo, mas o modo como esse projeto poderia funcionar não fica muito claro, o que nos deixa com receio, já que os custos são altos"* (MARIA, 2012).

[16] O cooperado foi entrevistado no dia 17 de setembro, na sede do Sindicato Rural de Guarapuava, onde ocupava o cargo de vice-presidente.
[17] O nome verdadeiro foi substituído. Maria, nome fictício, foi entrevistada em sua casa pela autora, em Guarapuava, no dia 15 de março de 2012.

Para Anton Gora (2011), essa estratégia do *core business* implantada pela Cooperativa Agrária, ainda que reproduza as decisões das assembléias, não reflete a realidade vivida pelos pequenos cooperados em minoria:

> O grande tem mais facilidade de chegar às informações e pode exigir que seus anseios sejam satisfeitos. Já o pequeno não sabe nem como expressar seus anseios. Por sua vez, a assistência técnica não se esforça para repassar para o pequeno as mesmas informações sobre comercialização, questões ambientais e outras que fazem parte da atividade. O pequeno cooperado se tiver uma queda muito grande da soja, vai ser o mais prejudicado. Seu padrão de vida econômico vai cair e isso pode gerar não o empobrecimento, mas um problema nas relações sociais. (...) O cooperado da Agrária está em melhores condições que outro não associado a ela. Porém, penso que o pequeno também tem que pensar em crescer, e esse boom da soja com os preços bons um dia vão terminar. Se a soja é um bom negócio hoje, quem está fora quer entrar, e haverá nova super oferta, consequentemente, os preços vão cair. É muito perigoso para uma atividade ficar dependendo de um só produto, que no nosso caso, são os grãos. São vários grãos, mas é preciso diversificar até para que a pessoa seja mais empreendedora. (ANTON GORA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos analisar que a Cooperativa Agrária Agroindustrial adotou estratégias de ação que julga as mais adequadas à sobrevivência em um mercado do agronegócio oligopólico e seletivo, cada vez mais competitivo, e tem obtido êxito econômico e financeiro. Contudo, é possível considerar que no âmbito da cooperativa, a preocupação com a falta de diversificação da produção é uma constante por parte dos cooperados, em especial os pequenos.

A questão está no terreno das discussões com reuniões promovidas pela diretoria sobre projeto de sustentabilidade, mas parece haver algumas indefinições sobre a participação da cooperativa e faltam esclarecimentos sobre investimento, custos e financiamentos.

Poderíamos dizer, sem receio de cometer algum equívoco, que o fortalecimento da classe dos médios e, nesse contexto, os grandes produtores, se deve aos direcionamentos dados pela Cooperativa Agrária, ao longo de sua trajetória, em se dedicar à produção em grande escala.

O fato de haver preocupações com essa estratégia entre os cooperados indica que há necessidade de reflexões sobre o caminho trilhado até aqui, promovendo ações mais efetivas de

produção diversificada, fortalecendo os pequenos cooperados. Fortalecida, essa classe pode pensar em oferecer alternativas à monocultura que, historicamente, intensifica os problemas no campo.

Ainda que os pequenos produtores associados à Cooperativa Agrária estejam capitalizados, diferentemente do que ocorre com a maioria dos agricultores familiares, é preciso que a cooperativa apoie a produção diversificada como uma forma de não ficar dependendo da produção de *commodities* tão regulada pelo mercado internacional, e que compromete a chegada de alimentos diferenciados à mesa da população.

Esse é o grande reflexo das estratégias da Cooperativa Agrária sobre o meio com o qual se relaciona nesse jogo de poder sobre a natureza, sobre os homens, sobre objetos e sistemas de produção e reprodução social e econômica que afetam a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

AGRÁRIA**. Relatório Anual, 2011.** Cooperativa Agrária Agroindustrial. Disponível em www:// Acessado em 3 de maio de 2012.

_____. Relatório Anual, 2010. Cooperativa Agrária Agroindustrial. 131 p.

_____. **Caderno Entre Rios**. 2004. 35 p.

ANDRADE, Manuel Correia. **Agricultura & Capitalismo**. São Paulo: Lech, 1979.

BECKER, Bertha. **Manual do Candidato: Geografia**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.204p.

BIALOSKORSKI, S. **Estratégias e cooperativas agropecuárias: um ensaio analítico**. In: BRAGA, Marcelo José; REIS, Brício dos Santos (Org). Agronegócio cooperativo – reestruturação e estratégias. Viçosa, 2002.

BATAVO COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL. **História.** Disponível em www.batavo.coop.br/site. Acessado em 29 de janeiro de 2011.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Agropecuário, 2006.

_____, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Censo Demográfico, 2010.

BRASIL, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E HIDRÁULICA (IDRHA). **Diversificação de atividades no meio rural**. Disponível em:<http:// www.idrha.min-agricultura.pt/meio_rural>. Acesso em 15 abril 2012.

CAMP, Cooperativa Agrícola Mista Prudentópolis. **Histórico**. Disponível em http://www.camp.coop.br/historico.htm. Acessado em 03 de agosto de 2011.

CAPAL, Cooperativa Agroindustrial. **Nossa história**. Disponível em www.capal.coop.br. Acessado em 11 de dezembro de 2011. Acessado em 22 de janeiro de 2011.

CASTROLANDA, Cooperativa. **Video institucional**. Disponível em http://www.castrolanda.coop.br/video_institucional. Acessado em jan/2011

_____,Cooperativa Agropecuária. **Perfil.** Disponível em www.castrolanda.coop.br. Acessado em 06 de junho de 2011.

COOPERATIVA AGRÁRIA AGROINDUSTRIAL. **História**. Disponível em www.agraria.com.br. Acessado em 05 de janeiro de 2011.

_____. **A Agrária em números**. Disponível em www.agraria.com.br. Acessado em 05 de março de 2010.

_____. Rankings econômicos: Revistas nacionais destacam atuação da Agrária. Disponível www.agraria.com.br: 2006. Acessado em 06 de março de 2010.

_____. **Ranking: Revista Amanhã situa Agrária em 58º lugar entre 500 maiores do Sul**; 2008. Disponível em www.agraria.com.br: 2008. Acessado em 03 de abril de 2010.

ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Banco Lar Brasileiro, 1971.

FAJARDO, Sergio. **Territorialidades Corporativas no Rural Paranaense**. Guarapuava: Unicentro, 2008. 414 p.

_____.**Herança das cooperativas, verticalização predomina/Sobrenome revela novo perfil do setor.** Entrevista ao jornal Gazeta do Povo, edição online, quarta-feira, 30/11/2011. Disponível em http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/conteudo.phtml?id=1197184. Acessado em 30 de novembro de 2011.

GORA, Anton. **Dos campos nativos ao agronegócio: a contribuição suábia em Guarapuava.** Guarapuava: 2010. Ed. Unicentro.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2004.

IPARDES,INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Caderno Estatístico do Município de Guarapuava,** 2011. Disponível em http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=850002011, PDF. Acessado em 14 de agosto/2011.

_____. **Leituras regionais. Mesorregiões geográficas paranaenses: sumário executivo**. Curitiba: Ipardes, 2004. 32p. PDF.

_____. Paraná: diagnóstico social e econômico. Sumário Executivo, 2003.

MARCONDES, Gracita Gruber. **Duzentos anos de uma caminhada histórica: 1810-2010.** Guarapuava: O Autor, 2010. 670 p.

MARTINS, Sebastião Meira**. Pioneiros do Vale de Entre Rios.**Guarapuava: Esquema, 1992.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Hucitec,EDUC. 1989.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB). **Cooperativismo Brasileiro: uma história.** Brasília: OCB, 2004.

_____.**Princípios**. Disponível em. http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/principios.asp. Acessado em 11/07/2010 .

_____. OCB: **Ranking das Melhores,** encontrada em http://www.ocb.org.br/gerenciador/ba/arquivos/200710_rankingmelhoresmaiores2010.pdf Acessado em 25 de novembro de 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ (OCEPAR**). Dados do cooperativismo no período de 2011, com estimativas para 2012**, enviados via e-mail em. **3 de maio de 2012.**

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.**São Paulo: Ed. Hucitec, 1981.

PINHO, Diva Benevides. PINHO, Diva Benevides. **O Cooperativismo no Brasil: da Vertente Pioneira à Vertente Solidária.** São Paulo: Editora Saraiva, 2004. 357 p.

PORTER, Michael E. **"Estratégia Competitiva",** Campus, Rio Janeiro, Campus, 1991

RIOS, Gilvando Sá Leitão. **O que é cooperativismo.** São Paulo: Brasiliense, 1ª ed. 1981, 2a. ed.1989.

_____. **Cooperação e tipos de cooperativismo no Brasil**. Artigo publicado no 1º Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2006. Disponível também em: www.pgh.ufrpe.br/ARTIGO_DE_GILVANDO.pdf. Acessado em 30 de maio de 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre, 2002.

_____. **O território: diferentes interpretações na literatura italiana, I**n: SPOSITO, E., M. SAQUET e A. RIBAS, (Org.), Território e desenvolvimento: diferentes abordagens, Francisco Beltrão, Edunioeste, 2004, p.121-147.

_____. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XX**I. 10ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2008.

SIFFERT FILHO, N.; FAVERET FILHO, P. **O sistema agroindustrial de carnes: competitividade e estruturas de governança.** BNDES, 1998. Disponível em http://www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1012.pdf.. Acessado em 07 de março de 2011.

SILVA, Márcia da. **Análise Política do território: poder e desenvolvimento no Centro-Sul do Paraná.** Guarapuava: Unicentro, 2007. 216 p.

WITMARSUN, Cooperativa. **Histórico**. Disponível em www.witmarsun.coop.br. Acessado em 20 de dezembro de 2011.

ENTREVISTAS CITADAS

ANTON GORA, *As estratégias da Cooperativa Agrária Agroindustrial*. Entrevistado por Marisa Kaminski, no dia 17 de setembro, na sede do Sindicato Rural de Guarapuava, onde ocupava o cargo de vice-presidente.

JORGE KARL. *A opção pelo core business*. Entrevistado por Marisa Kaminski no dia 16 de junho de 2011, na sede da cooperativa.

MARIA, (nome fictício). *Falta de diversificação.* Entrevistada por Marisa Kaminski em sua casa pela autora, em Guarapuava, no dia 15 de março de 2012.